



PADRÕES DE BELEZA, RAÇA E CLASSE: REPRESENTAÇÕES E ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES NEGRAS DA PERIFERIA DE SALVADOR - BA

*Anni de Novais Carneiro⁺
Sílvia Lúcia Ferreira^{**}*

RESUMO

Na atualidade, o corpo ganha centralidade em teorias e pesquisas, pode-se pensar que o corpo contemporâneo está principalmente ligado a estética, e assim aparece nos diversos discursos que circulam na sociedade. Questões relacionadas a padrões de beleza e representações sobre mulheres envolvem as categorias gênero, raça, geração e classe, dentre outras. Apoiada na Antropologia do Corpo e em Teorias Feministas aponta-se para o entendimento do corpo como produto e produtor da cultura, e ainda, lócus de exercício dos dispositivos de controle, mas também de agência. A partir do Discurso do Sujeito Coletivo, analisa-se um discurso pautado em entrevistas semiestruturadas com 16 mulheres residentes no Bairro Plataforma, em Salvador – Bahia, participantes integrantes de um bloco carnavalesco chamado Bloco do Bacalhau, acerca de representações sociais sobre o corpo e padrões de beleza, enfocando as categorias analíticas raça, gênero, classe e geração. Como principal resultado destaca-se o entendimento de agência das interlocutoras e das mulheres negras exemplificadas, ainda que influenciadas, oprimidas pelas estruturas racista, sexista, capitalista, contróem-se em identidades de resistência.

Palavras-chave: Cultura. Padrões de beleza. Gênero. Racismo. Identidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como escopo um recorte de elementos da minha dissertação – em processo de construção – que aborda padrões de beleza, representações sobre corpo e beleza, e repercussões subjetivas em um grupo de mulheres negras

⁺ Mestranda no Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo PPG-NEIM/UFBA. E-mail: anni_carneiro@hotmail.com

^{**} Pós Doutora pela Universidad Autónoma de Barcelona (2001), Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. E-mail: silvialf100@gmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



do subúrbio ferroviário de Salvador, formado por participantes do Bloco do Bacalhau e moradoras do bairro de Plataforma. Este é um bloco fundado na década de 40 por mulheres operárias da Fábrica São Brás, que realizavam uma performance transgressora neste bairro durante o carnaval. Há dois anos, o bloco teve sua história retomada e volta às ruas de Plataforma por meio de mobilização de lideranças locais. Ao longo do ano, são realizadas atividades de socialização, politização e preparação para o carnaval, o que leva ao entendimento do exercício de política cultural. Para discutir acerca dos corpos de mulheres negras e mestiças me apoiarei principalmente nas teóricas Glória Anzaldúa e bell hooks.

A categoria gênero é central neste trabalho e se faz importante ressaltar que as concepções de gênero se diferenciam de acordo com os marcadores de cada sujeito, contexto, de acordo com as sociedades. No Brasil, nos anos 80, o termo gênero começa a ser utilizado, sendo amplamente usado posteriormente e passa a ser compreendido como elemento constituinte da identidade das pessoas. Entendendo identidade com base em perspectivas críticas dos Estudos Feministas e Culturais, sujeitos que possuem identidades plurais, contraditórias, portanto, as identidades estão sempre em construção, não são dadas, fechadas ou fixas, fazem movimentos. Desse modo, identidades são aqui compreendidas uma eterna construção que se dá pautada nos marcadores, suas articulações e agenciamentos.

No Brasil, questões relativas à raça e ao embranquecimento são comumente relacionadas a pessoas negras, e desse modo, o problema é considerado deste grupo, excluindo a dimensão relacional existente. Bento (2002) salienta que o embranquecimento é analisado comumente como um problema da população negra, em temas como ascensão social, casamentos inter-raciais ou até alterações corporais, estéticas. Entretanto, pode-se pensar que existe um desejo de “europeização” da elite branca, aspirando aproximar-se do europeu ou norte-americano, o que consiste em uma busca por embranquecimento, e isso revela que não apenas as pessoas negras sentem-se desconfortáveis com sua condição racial. Então, pode-se ponderar que além do problema da desvalorização da identidade

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



negra, há também um problema de desvalorização da identidade nacional, e que as referências seguem sendo centradas na Europa e Estados Unidos.

Rubin (2012) assinala que a diferença é negada na sexualidade, nas práticas, afetos, assim como na estética e no olhar lançado sobre os corpos. Estar fora da norma pode ser uma experiência de sofrimento, tendo em vista a pressão sofrida para o enquadramento. Fundamentado na Antropologia do corpo, pode-se pensar que o dilema a respeito dos corpos na modernidade estaria entre o apagamento do corpo e a sua centralidade, ao se referir, em especial, às camadas sociais menos atingidas pelas ideologias hegemônicas, para as quais se poderia dizer que predominou, ao longo da história moderna, uma dimensão corporificada da experiência. Na contemporaneidade, estudos enfocam, em sua maioria, a centralidade da experiência corporal, corpo como valor e núcleo de enredos sociais, atribuindo-lhes um tipo específico de agência (MALUF, 2002).

Os corpos desejados hoje são principalmente aqueles que ocupam pouco espaço; são magros, depilados, cuidados por esteticistas, sem marcas ou rugas. O envelhecimento, a gordura [e a negritude] podem ser considerados os maiores inimigos na busca pelo corpo belo. A questão é que, para a mulher, as regras são mais evidentes, tornando as exigências e autoexigências maiores. Além de ser marcado involuntariamente pela cultura, o corpo é também modelado de acordo com procedimentos voluntários ou de autoprodução, constituindo a corporificação da subjetividade. São procedimentos ou técnicas de autoprodução e representação que incluem determinada forma de vestir-se, calçar, andar, falar, eliminar ou não os pelos do corpo, pintar as unhas ou os cabelos, dentre outras inúmeras possíveis inscrições. Para ser homem ou mulher, segundo os padrões da cultura que se está imerso, fazem-se necessários rituais, muitas vezes diários, para legitimar a identidade de gênero, determinado pelos modelos estéticos vigentes que variam de acordo com a temporalidade e espacialidade. Vale ressaltar que a estética, ou ainda, o cuidado e a ideia de embelezamento não vêm apenas dos europeus, produções como a maquiagem e a pintura são práticas antigas de povos africanos e têm grande importância por fazerem parte da identidade negra, da ancestralidade.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



1. APONTAMENTOS SOBRE CULTURA, OPRESSÃO E AGÊNCIA

O corpo aqui referido é aquele que se torna objeto de consumo, segue como locus privilegiado da construção da identidade feminina, sendo a imagem da mulher e do que é considerado feminino associada à beleza [branca e jovem], e isso revela o emaranhado de discursos, com destaque para os discursos sexista, racista e capitalista. É possível perceber a diminuição da tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente postos, evidenciado com a veiculação de imagens de mulheres em programas, novelas e revistas femininas e masculinas, expressão do corpo-beleza, do corpo “perfeito” – marcado por questões de raça/etnia, geração, classe, entre outras categorias. O culto à beleza, cujos padrões seguem sendo eurocêntricos, define o modelo a ser perseguido, ao negarem aspectos como a gordura, o envelhecimento, diversidades étnicas, entre outros. Desse modo, a associação histórica entre mulher e beleza aponta para um mecanismo de regulação social, e possivelmente, o aumento crescente de adoecimentos e intervenções cirúrgicas provavelmente indicam as repercussões disso (NASCIMENTO, 2012).

Os corpos são atravessados por classificações e atribuições de qualidades e status, o corpo velho é desvalorizado, assim como o corpo negro, pobre. As mídias, a medicina, as políticas públicas são alguns espaços de configurações dos corpos, e os agentes sociais têm participação direta nesse processo, ao selecionarem e disseminarem imagens e discursos que apresentam corpos e produtos – habitualmente corpos brancos, magros – e constroem significados positivados sobre estes, deixando os outros corpos sem representatividade significativa nestes espaços. Os agentes sociais são atravessados por estes discursos, mas reagem aos significados sociais e avaliam suas condutas individuais tendo como pano de fundo certas possibilidades estruturais, ou ainda, desenvolvem diversas práticas de agência.

Hooks (2005) sugere que o corpo pode ser uma arma contra a sua manipulação, e sendo os corpos das pessoas negras desvalorizados, o que marca a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



importância da ressignificação da sua posição frente aos poderes hegemônicos que lutam por manter a opressão dos corpos que não falavam por si só, ou ainda, corpos invisibilizados, em decorrência de uma cultura de dominação. Assim, aponta-se para enorme importância de uma reflexão constante acerca do Feminismo, tendo em vista não ser aceitável pensar-se em uma mulher universal, sem considerar as categorias raça, classe, além de outras. Ela enfoca a questão racial, apontando para a grande opressão vivenciada por mulheres negras, marca que as mulheres negras, oprimidas de maneira mais direta, são uma maioria silenciosa, sem organização para protestar coletivamente.

O Feminismo Negro possui grande relevância porque permite uma leitura crítica do Feminismo “tradicional”, apresenta uma carga reflexiva grande. Sueli Carneiro (2003) apresenta o feminismo brasileiro com importância mundial e relação com políticas públicas. Mesmo sem conhecimento de teorias sobre o assunto, mulheres negras vivenciam as opressões e fazem movimentos de resistência. Logo, não é preciso ter conhecimento acadêmico ou estudar o assunto para experienciá-lo, detectá-lo de alguma forma e responder a essa opressão. Existe uma valorização do saber acadêmico e científico em detrimento do saber popular, do saber decorrente da prática, também considerado como uma forma de exercício, fortalecimento do racismo e classismo. Desse modo, negras vivenciam e constroem um tipo de feminismo por vezes, mas sem entendê-lo como tal, sem acesso a essa nomenclatura ou sua teoria. A luta de classes está intimamente relacionada à luta de combate ao racismo, já que a maioria das pessoas de classe social mais baixa tem a cor da pele preta ou parda. No campo das representações e da beleza, fica evidente a relação entre racismo e representações excludentes nas mídias, nas quais se verifica uma “loirização” de mulheres, causando assim uma desidentificação das outras mulheres e o estabelecimento de um ideal de beleza distante da realidade destas

Anzaldúa (2004) destaca o quanto a cultura cerceia horizontes e oprime as pessoas. Salienta ainda que a cultura dos países terceiro-mundistas, de um modo geral, foi construída pelos “detentores do poder”, elite branca e de homens,



O discurso do sujeito coletivo refere-se as representações de mulheres negras com relação a padrões de beleza. Neste discurso existem contrapontos entre as opressões vividas por mulheres negras, destacando-se o racismo e sexismo, e os movimentos de resistência e avanços deste grupo. Apontam também para a amplitude das repercussões causadas pelos padrões de beleza hegemônicos.

Discurso

Ideia central: Mulheres negras seguem com identidades de resistência, apesar das representações sociais estereotipadas e dos preconceitos vividos.

Ainda hoje a gente vê uma pequena parte de mulheres negras representada na mídia, muito pouco ainda, apesar de o país ser mais negro do que branco, o que você vê mais na mídia é a tonalidade clara, então a representatividade da mulher negra na mídia está bem pouquinho com relação à realidade. Vejo muitas adolescentes induzidas por essas questões da mídia renegando até mesmo suas origens, o seu cabelo afro, vejo muitas querendo ser algo que não é real, cabelo escorrido que não é a característica dela, então eu acredito que isso causa um sofrimento na pessoa. Até ela ter consciência de que ela não precisa ser aquilo pra se sentir bem, é um caminho muito longo e acredito que tem mulheres que nem chegam a essa consciência, muitas envelhecem com a sensação de que precisam mudar para se sentir bem, pra se sentir mulher. Eu acredito que é uma imposição, uma ditadura, pra elas se sentirem inseridas até no mercado de trabalho elas teriam que fazer uma transformação na estética, no biótipo físico, porque a ditadura percorre até o mercado de trabalho. Deve ser um conflito, eu tenho que ser o que a sociedade quer que eu seja, e os caminhos são tão difíceis, às vezes impossíveis. É muito difícil para as mulheres que não são estimuladas a gostarem delas do jeito que realmente são. Essa coisa de padrão europeu ainda existe; branco, de olho azul, nariz afilado, mas eu acho que existe em menor escala. Você já vê a negra competindo igual com a branca com relação à beleza. Tem uma atriz negra que ganhou o Oscar, uma magrinha, linda. Isso já é um grande avanço, agora está em

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



capa de todas as revistas americanas. Então a gente já está vencendo esse padrão branco e a ideia de que negro que é feio. O Black tá na moda, você vê na TV negras com cabelo Black, as mães já estão passando para as filhas, desde criança que não tem que alisar o cabelo. Acho que melhorou bastante, mas ainda existe, a TV ainda passa muito aquele padrão, e ainda tem a magreza, a maioria das mulheres brasileiras tem bundão, não tem aquele corpo esquelético. Apesar disso, acho que está tendo uma maior consciência, porque antes tinha vergonha por ser negra, e hoje, elas já tão trazendo os filhos já com a consciência que é bonito ser negro. É uma luta, isso vem de uma luta muito grande do movimento negro. O Ilê Ayê mesmo tem uma luta muito grande nessa conscientização das pessoas negras se amarem, se acharem lindas, tem a noite da beleza negra mesmo, que é um espetáculo. E esse trabalho está refletindo principalmente nas periferias, você vê mulher com turbante aqui em Plataforma, crianças e meninas com cabelo Black.

As interlocutoras destacam a sub-representação das mulheres negras na mídia, o que mostra um grande distanciamento da realidade do país e mais especificamente da Bahia, onde há um grande número de mulheres de cor preta e parda. Enfatiza-se o sofrimento gerado pela distância entre os padrões de beleza - magreza e branquidade - e o que se é, e o que se tem acesso, sentimento de inadequação que por vezes acompanha mulheres por toda vida. Aponta-se o quão é difícil viver numa sociedade tão desigual e que tem padrões tão definidos de beleza, de sucesso, de relações, sexualidade, etc. e quão árduo é enfrentar os caminhos de resistência, mas não trilhá-los também é penoso. Gostar de si, acreditar em sua beleza e potencialidades, valorizar-se quando não há esse eco na sociedade é deveras difícil, porém, ao passo que existem os discursos hegemônicos existem também os contra-hegemônicos, que valorizam a raça negra, sua cultura, beleza.

Munanga (2003) afirma que a identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento, percepção dos outros sobre esta, o que significa que uma má percepção dotada de preconceitos e valores negativos, possivelmente, gerará prejuízos à identidade. A partir do momento que um grupo ou a sociedade de um

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Haveria então discursos com elementos de padrões dominantes de beleza, impregnados pelas crenças e preconceitos ligados à estética e especialmente ao cabelo e sua textura. Piscitelli (1996) aponta que mulheres afro-brasileiras enfrentam múltiplas formas de discriminação, uma vez que seus corpos são avaliados e valorizados com base nos padrões constantes nos discursos dominantes sobre raça, gênero, sexualidade e beleza, com um destaque para o corpo perfeito, correspondente ao que seria um padrão da mulher tipicamente brasileira. Ao descrever o primeiro tipo, assinala a influência da mídia na manutenção dos padrões, do projeto de embranquecimento, mas também com alguma possibilidade de agência.

O branqueamento é geralmente entendido como decorrente da insatisfação de pessoas negras com relação a sua condição, e por isso, procuram diluir suas características raciais, miscigenando-se ou utilizando técnicas de mudança corporal. Bento (2002) compreende o branqueamento como um processo criado e nutrido pela elite branca do país, o que tornou e mantém seu grupo como referência a partir de uma apropriação simbólica que fortalece o auto-conceito e autoestima da pessoa branca, não fazendo o mesmo com outros grupos, e isso reitera a preeminência social, política e cultural do grupo branco. A textura do cabelo e cor de pele representam importante papel na construção da identidade negra, isto porque o cabelo é uma forte marca identitária e muitas vezes visto como marca de inferioridade. De certa forma, é autorizado falar do cabelo da outra pessoa, opinar, sugerir tratamentos, mudanças, e não é permitido, entretanto, falar diretamente sobre sua cor, raça. Fica evidente nesse discurso, a negação de características típicas de cabelos de pessoas afrodescendentes, a exemplo do volume e textura. Segundo Gomes (2005), mudar o cabelo pode significar uma tentativa de escapar do lugar de inferioridade direcionado ao grupo negro, mas também, uma expressão de autonomia e uso criativo do cabelo.

Existiria então uma zona de tensão entre o ideal de beleza e corporalidades para a mulher negra, a intervenção pode ser uma questão para além da vaidade, uma questão identitária. No discurso aparece uma passagem sobre os adereços

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



CONCLUSÃO

Percebe-se que o discurso apresenta aspectos de agência, autonomia, criticidade e ao mesmo tempo internalização de padrões, sofrimento decorrente de inadequações, ou seja, entende-se que há um movimento fluido e complexo nessa teia de discursos, ações e emoções. Há uma adaptação criativa, na qual as interlocutoras e as mulheres negras pensadas por elas possuem agência e negociam desejos pessoais e demandas sociais. Fica evidente a importância da discussão acerca da mídia, a sub-representação das diferenças e os padrões de branquidade. Faz-se necessário lutar por espaços, pelo saber e poder, contra colonialismos, racismos, classismos e desigualdades de gênero. Mais discussões precisam ser travadas em torno dessas temáticas – cultura, colonialismo, raça, etnia, sexualidade – nas Escolas e Universidades, e políticas públicas que promovam maior acesso a educação multicultural.

A educação é uma demanda e direito de todos e é o maior espaço para a construção de identidades de resistência, da supressão dos discursos racistas, sexistas e classistas, lugar que deve possibilitar empoderamentos, favorecer a cidadania, debater o multiculturalismo, entre outras inúmeras possibilidades. Munanga (2003) marca a pedagogia anti-racista como caminho para o fortalecimento da cidadania e da equidade. Desperta como indispensável que mulheres negras e de todos os outros grupos não contemplados produzam, pesquisem e apresentem novas perspectivas, assim haverá uma diversidade maior de olhares e a inclusão da diferença. É evidente que essa produção depende de uma série de aspectos, como formação acadêmica, por exemplo. Munanga (2003) apresenta um entendimento de educação denominado anti-racista, como uma importante frente para o combate ao racismo, às desigualdades e ao empoderamento de pessoas negras.

Desse modo, fica manifesto o poder da cultura na construção de identidades. Faz-se imprescindível registrar a importância dos movimentos sociais como espaços de construção de feminismos, lutas contra o racismo e fortalecimento de identidades

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



plurais e de resistência. Segundo Bento (2002), a militância negra tem destacado dificuldades de identificação racial e sua relação à baixa auto-estima, decorrente dos atravessamentos da ideologia do branqueamento, um dificultador, em certa medida da organização de grupos negros contra a discriminação racial. Importante destacar ainda o respeitável papel do Movimento Negro quanto à exposição das condições do povo negro, as iniquidades e lutado por melhorias, por avanços em políticas de reconhecimento e redistribuição, favorecendo o fortalecimento de identidades negras, integrando de modo positivado a cultura e história negra à história do Brasil. Conclui-se então que há uma tentativa de supremacia do corpo branco, da cultura e estética coloniais, mas existem políticas de agência, movimentos de resistência.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam.** In: **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras (obra colectiva).** Traficantes de Sueños: Madrid, 2004, p. 71-80.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia Social do Racismo.** Rio de Janeiro: Petrópolis. Vozes, 2002, p. 25-58.

CALDWELL, Kia Lilly. "Look at her hair". The body politics of black womanhood. In: **Negras in Brazil.** Re-envisioning black women, citizenship, and the politics of identity. 2007, p. 81-106.

CARNEIRO, Suely. **Mulheres em movimento ("Enegrecer o feminismo").** *Estudos Avançados*, v.17, n. 49, 2003, p. 117-132.

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe.** Disponível em: http://www.4shared.com/office/FhxP6zwA/Ochy_Curiel_Descolonizando_e.html. Acesso em: 5 de outubro. 2013.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10. 639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



_____. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado).

HOOKS, Bell. **Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras** (obra coletiva). Madrid: Traficantes de sueños, 2004, p. 33-50.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, AMC; TEIXEIRA, JJV. **O Discurso do Sujeito Coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa.** Caxias do Sul: Educs. 2000.

MAIA, Suzana. **Identificando a branquidade inominada: corpo, raça e nação nas representações sobre Gisele Bündchen na Mídia Transnacional.** *Cadernos Pagu* (38), janeiro-junho de 2012, p. 309-341.

MALUF, Sônia W. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas.** *Esboços*, v.9, p.87 - 101, 2002.

MORAES, 2011. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M, AMANTINO, M (orgs.) **História do corpo no Brasil**, São Paulo, Unesp, 2011.

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** *Cadernos Penesb*, Niterói, Editora da UFF, N 5, p. 15-34, 2003.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1983.

NASCIMENTO, Christiane; PRÓCHNO, Caio; SILVA, Luiz. **O corpo da mulher contemporânea em revista.** *Fractal, Rev. Psicologia*, v. 24 – n. 2, p. 385-404, Maio/Ago. 2012.

PISCITELLI, Adriana. **"Sexo Tropical": Comentários sobre Gênero e Raça em Alguns Textos da Mídia Brasileira.** *Cadernos Pagu* (6-7): 9-34. 1996.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade.** Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas.** Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.